

Na alegria e na tristeza

Bruna Ribeiro, bióloga e professora, encontrou amparo e apoio em seus cães. O primeiro foi Jake, um yorkshire de 10 anos; e Brigitte, a dachshund de 2 anos. Ambos são extremamente carinhosos, mas têm personalidades totalmente diferentes: Jake, um velhinho que detesta bagunça e correria; e Brigitte, uma cadela ativa e brincalhona.

“Eu agradeço muito e sou muito realizada por tê-los. Não os enxergo como filhos, mas como companheiros de luta, enfrentando as dificuldades comigo, me ajudando e caminhando lado a lado comigo. Quando estou triste, quando me vejo numa situação em que não enxer-

go mais motivos para seguir, eu falo para mim mesma que tenho que trabalhar para comprar a ração, os remédios e essas coisas, porque eles me salvaram, e eu preciso devolver tudo isso que eles fizeram por mim”, relata.

A tutora conta que sempre gostou de animais, mas, por conta do trabalho que teria com eles, acabava não tendo muito interesse. Porém, o que Bruna não iria imaginar era que eles seriam a melhor rede de apoio para ela nos momentos difíceis. “Eu era muito depressiva, muito ansiosa, não estava indo bem na faculdade, tinha pouquíssimos amigos e, em vários momentos, tinha pensamentos suicidas. Acabou que o Jake se tornou esse suporte emocional. Várias vezes eu cheguei em casa querendo morrer, mas eu chegava, deitava na cama, e ele vinha me abraçar, vinha lambendo as lágrimas, me falava, de alguma forma, que estava ali, apesar de qualquer coisa.”

O que é necessário?

O processo inicia com a avaliação de um profissional da saúde, normalmente psicólogo ou psiquiatra, que analisa as condições, as necessidades e o estilo de vida do paciente para avaliar a possível convivência com o animal. Após isso, o profissional emite uma declaração explicando toda a situação e, principalmente, o motivo

de o ASE ser indicado e necessário. É um processo cuidadoso, para garantir que o animal seja realmente uma ajuda terapêutica, não apenas uma conveniência.

Apesar da ausência de **legislação própria**, em algumas situações é necessário ter em mãos o laudo médico, um documento de identificação do animal e, em casos mais específicos, um Certificado Veterinário Internacional (CVI).

Estar bem para poder ajudar

Para prestar ajuda aos tutores, os animais precisam estar, acima de tudo, com a saúde física e emocional em dia. Por conviverem com pessoas emocionalmente fragilizadas, eles podem ser afetados com uma sobrecarga. Para evitar que o animal sofra, é importante proporcionar uma alimentação equilibrada, manter os exames e as vacinas em dia, ter uma rotina estável e momentos de interação e lazer.

É importante observar se a atividade exercida não está sobrecarregando o animal, garantindo que ele tenha tempo adequado de descanso e não desenvolva sinais de estresse. Agressividade repentina, tentativas de se esconder, perda de apetite, lambedura excessiva, no caso dos cães, e arrancamento de pelos, nos gatos, são alguns comportamentos suspeitos.

“Eles são sensíveis ao humor e à energia dos seus tutores, além de ficarem muito apegados à presença constante. O pet precisa de um ambiente seguro, onde possa se sentir tranquilo e tenha a possibilidade de ficar sozinho e se isolar, se quiser. Também é essencial não tratar o animal como um depósito exclusivo das emoções humanas, pois ele precisa exercer os comportamentos naturais da sua espécie para continuar saudável”, finaliza a veterinária Kássia Vieira.

***Estagiária sob a supervisão de Sibeles Negromonte**

ANIMAIS DE SERVIÇO X DE SUPORTE

Embora todos tenham papéis importantes para os tutores, cada um possui diferentes maneiras de auxílio. As principais diferenças entre eles estão relacionadas às funções que desempenham e ao fato de os animais de suporte emocional não precisarem de treinamento especial, como os de serviço, por exemplo.

“Os animais de serviço passam por treinamentos específicos para auxiliar pessoas com deficiência, como os cães-guia, que ajudam indivíduos com deficiência visual. Os chamados cães de trabalho são os de resgate dos bombeiros e os farejadores, das polícias. Já os animais de suporte emocional não passam por treinamento, mas devem apresentar temperamento dócil e comportamento estável, pois, muitas vezes, acompanham seus tutores em ambientes públicos”, detalha Fabiana Volkweis, professora de medicina veterinária do Ceub.

CASO TEDY

Um caso marcante foi o do Tedy, cão de serviço e suporte para Alice, uma criança autista, que foi impedido de embarcar em voo para Portugal por três vezes, a primeira ao lado da menina. Como seu pai estava indo a trabalho e a família iria se mudar para o país, a menina teve que se separar de Tedy forçadamente.

Renato Sá, pai da Alice, explicou em um programa de tevê que a criança sofreu episódios de “meltdown”, crise descontrolada, por conta da separação. O cão auxilia e ajuda a prevenir casos de desregulação sensorial e emocional causados pelo transtorno do espectro autista.

Mesmo após várias tentativas e liminar judicial, a empresa aérea responsável pelo voo informou que não transportaria o cão na cabine junto aos familiares. A decisão da companhia se fundamenta na falta de uma legislação específica que assegure o direito de transportar esses animais.